

## PRÓLOGO

A mulher arranhava as paredes lisas com as pontas dos dedos até estes sangrarem e batia com os punhos cerrados nas grossas vidraças até deixar de sentir as mãos. Pelo menos umas dez vezes, sondara e procurara às cegas o caminho até à porta de aço, enfiando depois as unhas nas frinchas na tentativa de a abrir, mas era inútil forçá-la, além de as suas arestas serem aceradas.

Por fim, quando as unhas começaram a separar-se da carne, recuou de um salto, caindo desamparada no chão gelado, onde ficou ofegante. Por um instante apenas, fitou a escuridão mais completa de olhos esbugalhados e com o coração a martelar-lhe no peito. Depois, gritou. Gritou até ter os ouvidos a zumbir e quase não ter voz.

Inclinou a cabeça para trás e voltou a sentir o ar fresco a descer do teto. Talvez conseguisse saltar até lá, se tomasse balanço suficiente e se conseguisse agarrar-se a qualquer coisa. Podia ser que assim algo acontecesse.

Sim, podia ser que dessa forma os patifes que estavam lá fora também tivessem de ali entrar.

E, se esticasse os dedos e os dirigisse para os seus olhos, até podia ser que conseguisse cegá-los. Se fizesse aquilo com rapidez suficiente e sem a mínima hesitação, talvez fosse bem-sucedida. E até podia também fugir dessa forma.

Por um instante, chupou os dedos ensanguentados, depois pressionou-os de encontro ao chão e sentou-se, permanecendo assim durante um bocado.

Sem ver nada, fitou o teto. Talvez fosse demasiado alto para de um salto lhe tocar. Se calhar não havia ali nada a que se agarrar. Mas tinha de tentar. Que outra coisa podia fazer?

Despiu o casaco de penas e pô-lo com cuidado num canto para não tropeçar nele. Depois, com um impulso, elevou-se no ar, esticando os braços tanto quanto conseguiu, mas não tocou em nada. Fê-lo mais duas vezes antes de se afastar para a parede mais distante, onde ficou uns instantes a recuperar. Em seguida, começou a correr e, reunindo todas as suas forças, saltou para o escuro com os braços esperançosos a agitarem-se no ar em todas as direções. Ao cair aparatosamente no chão, os pés escorregaram-lhe no chão liso e o corpo aterrou de lado. Soltou um gemido de dor assim que o ombro embateu no betão e deu um grito quando a cabeça bateu com força de encontro à parede, sentindo o cérebro encher-se de lampejos de luz.

Ficou caída no chão imóvel durante muito tempo, tendo apenas vontade de chorar, mas não o fez. Se os guardas daquele seu cárcere a ouvissem, interpretá-lo-iam de forma errada. Pensariam que estava prestes a desistir, quando não estava. Pelo contrário.

Cuidaria de si. Para eles, ela não passava da mulher encarcerada, mas era ela que decidia qual a distância a que as grades estavam de si. Queria ter pensamentos que se abrissem ao mundo e que a mantivessem livre da demência. Eles nunca a vergariam. Era isso o que decidira fazer enquanto estivera ali deitada no chão com o ombro a latejar horrivelmente e o inchaço em volta do olho a obrigá-lo a fechar-se.

Um dia sairia dali.

# CAPÍTULO 1

2007

Carl deu um passo em frente para se aproximar do espelho e tocou com um dedo na têmpora onde a bala lhe tinha passado de raspão. A ferida já tinha sarado, mas a cicatriz era bem visível por baixo do cabelo para quem quisesse vê-la.

«Mas, quem raio havia de querer dar-se a esse trabalho?», pensou enquanto esquadrihava o próprio rosto.

Agora percebia bem como estava mudado. As rugas em volta da boca eram mais pronunciadas, as olheiras debaixo dos olhos estavam mais escuras e o seu olhar era revelador de uma profunda indiferença. Carl Mørck já não era como tinha sido, o experiente inspetor criminal que vivia e respirava para o trabalho. Já não era o homem alto e elegante da Jutlândia que fazia os sobrolhos levantarem-se e os lábios entreabrirem-se. E o que raio interessava isso, afinal?

Abotoou a camisa, vestiu o casaco, emborcou o último resto de café e fechou a porta atrás de si, batendo-a para que os outros residentes da casa soubessem que estava na hora de saltarem da cama. Os seus olhos detiveram-se na placa identificativa cravada na porta. Já era tempo de mudar. Há muito que Vigga se tinha mudado dali. Embora ainda não estivessem divorciados, a sua relação tinha definitivamente terminado.

Rodou o tronco sobre os calcanhares e dirigiu-se para Hestestien. Se apanhasse o comboio dentro de vinte minutos, conseguiria passar uma boa meia hora com Hardy no hospital antes de ter de ir para a sede da polícia.

Viu a torre da igreja de tijolo vermelho a elevar-se acima das árvores despidas e tentou não se esquecer da sorte que, apesar de tudo, tivera. Apenas dois centímetros e meio para a direita e Anker ainda estaria

vivo. Só pouco mais de um centímetro para a esquerda e ele próprio teria sido morto. Centímetros caprichosos que lhe tinham poupado uma viagem pelos campos verdejantes até às sepulturas frias que se encontravam ali à sua frente a poucas centenas de metros.

Carl tinha tentado perceber aquilo, mas não era fácil. Não sabia grande coisa sobre a morte. Apenas que, quando chegava, podia ser tão imprevisível como o clarão de um relâmpago e infinitamente serena.

Em contrapartida, sabia perfeitamente como podia ser violento e inútil alguém morrer. Isso, ao menos, ele sabia muito bem.

Estava apenas a duas semanas de sair da academia de polícia quando a visão da sua primeira vítima de homicídio ficou para sempre gravada na sua retina. Uma mulher pequena e franzina, que fora estrangulada pelo marido e acabara caída no chão com o olhar parado e uma expressão que deixara Carl indisposto durante várias semanas. Desde então, haviam-se seguido incontáveis casos. Todas as manhãs se preparara para se defrontar com tudo aquilo. As roupas ensanguentadas, os rostos com uma palidez cerífica, as fotografias instantâneas. Todos os dias ouvira as mentiras e as desculpas das pessoas. Todos os dias um crime com uma nova roupagem causava nele um impacto cada vez menor. Vinte e cinco anos na força de polícia e dez na Divisão dos Homicídios tinham-no tornado insensível.

Fora desta maneira que as coisas se haviam passado até ao dia em que um caso de homicídio trespassara a sua armadura.

Tinham-no mandado com Anker e Hardy a uns barracões decrepitos que ficavam num caminho de terra batida onde um cadáver os aguardava para lhes contar a sua história particular.

Como já acontecera tantas vezes, fora o cheiro pestilento que levava um vizinho a reagir. A vítima era tão-só um solitário que jazia serenamente no meio da sua própria imundície e exalava os seus derradeiros vapores alcoólicos. Ou assim julgavam eles, até descobrirem o prego de uma pistola de pregos parcialmente cravado no seu crânio. Havia sido por essa razão que a Divisão dos Homicídios fora chamada.

Nesse dia específico tinha sido a vez da equipa de Carl responder à chamada, o que para ele e para os seus dois assistentes não tinha

qualquer problema, embora, como de costume, Carl se queixasse de ser a sua equipa sempre a sobrecarregada com trabalho enquanto as outras equipas eram aliviadas dele. No entanto, quem podia saber que aquela chamada se ia revelar tão fatal? Ou que passariam apenas cinco minutos desde o momento em que tinham entrado na divisão onde estava o cadáver a tresandar até Anker estar estendido no chão no meio de uma poça de sangue, Hardy dar os seus últimos passos e todo o entusiasmo de Carl se ter extinguido? Aquela chama que era absolutamente essencial para um inspetor de uma Divisão dos Homicídios da Polícia de Copenhaga.

## CAPÍTULO 2

2002

Os tabloides adoravam tudo o que se relacionasse com a vice-presidente do Partido Democrata, Merete Lynggaard, e com tudo o que ela dizia e defendia, como os comentários acutilantes que fazia das bancadas do Folketing, o Parlamento dinamarquês, a irreverência que demonstrava ter para com o primeiro-ministro e os que lhe diziam «amém» a tudo, os seus atributos femininos, o seu olhar malicioso e as covinhas sedutoras. Adoravam-na pela sua juventude e sucesso, mas, acima de tudo, adoravam-na por alimentar todo o tipo de especulações sobre as razões por que uma mulher talentosa e bonita ainda não tinha aparecido em público acompanhada por um homem.

Merete Lynggaard vendia sempre carradas de jornais. Lésbica ou não, era mesmo matéria excelente.

E Merete tinha plena consciência disso.

— Porque não sai com Tage Baggesen? — instigou-a a sua secretária, enquanto se dirigiam para o pequeno *Audi* azul de Merete, evitando as poças de água que se acumulavam no parque de estacionamento do Christiansborg, reservado aos parlamentares. — Sei que há imensos homens que gostariam de a levar a sair pela cidade, mas ele está completamente louco por si. Quantas vezes já tentou convidá-la para sair? Nem chegou a contar as mensagens que ele lhe deixou em cima da secretária? Por acaso, hoje deixou lá uma. Dê-lhe só uma oportunidade, Merete.

— Porque não sai *você* com ele? — Merete baixou os olhos de relance enquanto largava uma pilha de pastas no banco de trás do seu automóvel. — O que vou eu fazer com alguém que é presidente da

Comissão de Tráfego e igualmente membro do Partido Radical do Centro? Sabe-me dizer, Marianne? O que é que eu sou? Alguma espécie de rotunda da província?

Merete levantou os olhos para o Royal Arsenal Museum, onde um homem de gabardina branca, curta e cruzada à frente fotografava o edifício. Teria ele tirado também alguma fotografia dela? Abanou a cabeça. Aquela sensação de estar a ser observada começava a incomodá-la. Claro que aquilo era paranoia pura. Tinha mesmo de se descontraír.

— Tage Baggesen tem trinta e cinco anos e é lindo de morrer — disse-lhe Marianne. — Está bem, pronto, talvez não lhe fizesse mal nenhum perder alguns quilos, mas, por outro lado, é dono de uma casa de campo em Vejby. E, parece-me, de mais duas na Jutlândia. O que mais podia querer?

Merete abanou a cabeça com ceticismo. — Pois, ele tem trinta e cinco anos e vive com a mãe. Sabe uma coisa, Marianne? Devia ser você a ficar com ele. Ultimamente, tem andado com um comportamento muito estranho. Fique lá com ele. À vontade!

Pegou em todas as pastas que a sua secretária segurava e atirou-as para o banco de trás, juntando-as às outras. O relógio do painel de instrumentos marcava 17:30. Já estava atrasada.

— Vai notar-se a falta da sua voz este final de tarde no Folketing, Merete.

— Parece que sim — comentou, encolhendo os ombros. Desde que entrara para a política, fizera um acordo irrevogável com o presidente dos democratas para que depois das seis da tarde estivesse por sua conta, a menos que houvesse um trabalho importante da comissão do partido para fazer ou uma eleição. — Não há problema — dissera-lhe ele naquela altura, perfeitamente consciente do número de votos que ela arrecadaria. Portanto, agora também não devia haver problema.

— Vá lá, Merete. Diga-me lá o que andou para aí a magicar. — A sua secretária inclinou a cabeça para o lado. — Como é que ele se chama?

Merete mostrou-lhe um sorriso breve e bateu com a porta. Estava na altura de arranjar uma substituta para Marianne Koch.

## CAPÍTULO 3

2007

Marcus Jacobsen, o chefe da Divisão dos Homicídios, era desleixado quanto à arrumação do seu escritório, mas isso não o incomodava. A desordem era apenas um fenómeno exterior, porque interiormente ele era de uma organização meticulosa. Os pormenores nunca lhe escapavam e, dez anos passados, a sua memória deles continuava certa como uma flecha.

Apenas em ocasiões como aquela que acabava de acontecer, quando a sala estava apinhada de colegas todos enérgicos e observadores que tinham sido obrigados a consultar e a passar montes de documentos já muito manuseados e pilhas de material relacionado com o caso, é que ele olhava para o *ragnarök*<sup>1</sup> do seu escritório com algum desânimo.

O chefe da Divisão dos Homicídios levantou a sua caneca rachada do Sherlock Holmes e bebeu uma grande golada de café frio, enquanto, pela décima vez naquela manhã, pensava no meio maço de cigarros que tinha no bolso do casaco. Já nem era permitido fazer o raio de uma pausa para se ir fumar um cigarro ao pátio exterior. Que porra de diretivas!

— OK, ouçam lá, então! — Marcus Jacobsen voltou-se para olhar para o seu vice-superintendente, Lars Bjørn, a quem pedira para ficar mais um pouco depois de concluída aquela reunião geral de carácter informativo. — Se não tivermos cuidado, o caso do homicídio do ciclista no Parque Valby vai consumir-nos todos os recursos — disse.

---

<sup>1</sup> *Ragnarök* no original. Segundo a mitologia germânica, chegará o dia em que, num cataclismo, tudo conhecerá o seu fim, incluindo os homens e os deuses, denominando-se esse dia o *ragnarök*. (NT)



Lars Bjørn anuiu com um aceno de cabeça. — Então, esta é uma péssima altura para Carl Mørck vir juntar-se à equipa e monopolizar quatro dos nossos melhores inspetores. As pessoas andam a reclamar por causa dele, e a quem achas tu que vêm queixar-se? — Com um dedo esticado, deu estocadas secas no seu próprio peito, como se fosse o único a ter de ouvir as merdas dos outros.

— Ele aparece horas atrasado — prosseguiu. — Exige demasiado do pessoal que trabalha com ele, anda por aí a remexer em vários casos e recusa-se a devolver as chamadas telefónicas que lhe fazem. Tem o escritório no caos mais absoluto, e não vais acreditar nisto, mas ligaram da medicina legal chateados com uma conversa telefónica que tiveram com ele. Os rapazes da medicina legal... dá para acreditar? É preciso muito para irritar aqueles tipos. Temos de fazer alguma coisa em relação ao Carl, Marcus, apesar daquilo por que passou. De contrário, não sei como o departamento vai poder funcionar.

Marcus ergueu as sobrancelhas. Veio-lhe à ideia a imagem de Carl. A verdade era que até gostava daquele homem, mas aquele olhar sempre cético e as observações cáusticas que fazia conseguiam exasperar qualquer um, tinha perfeita consciência disso. — Pois, tens razão. Talvez o Hardy e o Anker fossem os únicos que conseguiam aguentar trabalhar com ele, mas eles também eram assim um tanto para o estranho.

— Marcus. Ninguém daqui se vai chegar à frente para dizer isto, mas aquele homem é um chato do caraças, e a verdade é que sempre o foi. Não é a pessoa certa para trabalhar aqui; dependemos demasiado uns dos outros. Desde o primeiro dia que Carl sempre teve uma relação complicada com os colegas. Porque é que vocês o trouxeram sequer de Bellahøj aqui para a sede no centro da cidade?

Marcus cravou os olhos em Bjørn. — Ele era e continua a ser um inspetor fora de série, Lars. Foi por essa razão.

— Está bem, pronto. Eu sei que não podemos simplesmente pô-lo na rua, sobretudo naquela situação, mas temos de encontrar uma outra solução qualquer, Marcus.

— Ainda só há uma semana é que voltou da baixa por doença, então porque não lhe damos uma hipótese? Talvez devêssemos ir com calma em relação a ele por algum tempo.

— Tens a certeza? Nas últimas semanas, tivemos mais casos a cárem-nos em cima do que aqueles de que conseguimos dar conta. Alguns também são da máxima importância, como bem sabes. O incêndio fatal que deflagou em Amerikavej, foi fogo posto ou não? O assalto ao banco em Tomsgårdsvej, onde foi morto um cliente. A violação em Tårnby, em que a rapariga morreu; o gangue de patifes que andou às punhaladas em Sydhavnen; o homicídio do ciclista no Parque Valby. É preciso referir mais casos? Já para não falar em todos os casos antigos. Ainda nem sequer fizemos o mínimo em alguns deles. Ainda por cima, ter-nos calhado um coordenador como o Mørck, indolente, mal-humorado, rabugento, sempre a implicar e a fazer ameaças asquerosas aos colegas, fez com que a equipa quase se desmembrasse. Pela parte que me toca, ele é um espinho cravado na nossa garganta, Marcus. Manda o Carl fazer as malas e vamos trazer para aqui um pouco de sangue novo. Sei que é severa e parece cruel, mas esta é a minha opinião.

O chefe da Divisão dos Homicídios anuiu em silêncio. Estivera a reparar no comportamento dos colegas durante a reunião informativa, que terminara há pouco. Tinham-se mostrado calados, taciturnos e esgotados. Claro que não queriam ter ninguém a cair-lhes em cima constantemente.

O subinspetor de Marcus aproximou-se da janela e olhou lá para fora para os edifícios que se avistava do outro lado. — Creio ter uma proposta para a solução deste problema. Podíamos vir a ter chatices com o sindicato, mas não me parece que isso vá acontecer.

— Que diabo, Lars. Não tenho energia para andar metido em confrontos com o sindicato. Se estás a pensar em despromovê-lo, eles caem-nos logo em cima.

— Não, vamos dar-lhe um pontapé lá para cima!

— Hum! — Era com isso que Marcus tinha de ter cuidado. O seu vice-superintendente era um excelente inspetor, com uma larga experiência e montes de casos resolvidos a seu favor, mas ainda tinha muito que aprender no que dizia respeito à gestão do pessoal. Ali, na sede, não se podia simplesmente despachar ninguém, fazendo-o subir ou descer de categoria sem uma boa razão. — Estás a sugerir que ele seja promovido, é isso o que estás a querer dizer? Como? E quem estás tu à espera que lhe ceda o lugar?

— Sei que estiveste levantado quase toda a noite — respondeu-lhe Lars Bjørn. — E esta manhã estiveste ocupado com o raio daquele homicídio em Valby, por isso se calhar não tens estado muito a par das notícias. Mas não ouviste o que aconteceu esta manhã no Parlamento?

O chefe da Divisão dos Homicídios abanou a cabeça. Era verdade que tinha demasiado em que pensar desde que o homicídio do ciclista no Parque Valby tinha tomado um novo rumo. Até à véspera à noite, tinham uma boa testemunha, fiável, e ela tinha mais coisas para lhes dizer; disso não tinham dúvidas. Tinham a certeza de que estavam quase a chegar a uma revelação, mas, de repente, a testemunha recusara-se a responder às suas perguntas. Era evidente que alguém do seu círculo de amigos andara a ameaçá-la. A polícia interrogara-a até ela estar completamente exausta; tinham falado com as filhas e a mãe dela, mas ninguém tinha nada a dizer. Toda a família estava aterrada. Não, Marcus não tinha dormido grande coisa. Portanto, à parte ter visto as parangonas dos matutinos, estava completamente em branco.

— É outra vez o Partido da Dinamarca? — quis saber.

— Precisamente. O seu porta-voz judicial voltou a apresentar a proposta em relação a uma emenda ao acordo do projeto de lei da polícia e desta vez terão a maioria dos votos a favor. Vai passar, Marcus. Piv Vestergård vai conseguir o que ela quer.

— Estás a brincar!

— Ela subiu à tribuna e discursou durante uns bons vinte minutos, com os partidos do governo a apoiarem-na, claro, embora seja muito possível que os conservadores não tivessem parado de se contorcer nas bancadas.

— E então?

— Bem, o que te parece? Ela apresentou quatro exemplos de casos feios que foram arquivados. Na sua opinião, não é do superior interesse público que tais casos continuem por resolver. E deixa-me que te diga que isso não era tudo o que ela tinha guardado na sua caixinha de surpresas.

— Caramba! O que é que ela julga? Que a polícia criminal anda a deixar casos em suspenso só pelo prazer que isso lhe dá?

— Na verdade, ela insinuou que pode ser exatamente isso o que acontece com certos tipos de casos.

— Tretas! Que tipos de casos?

— Referiu casos em que membros do Partido da Dinamarca e do Partido Liberal tinham sido vítimas de um crime. Estamos a falar de casos com projeção nacional.

— A cabra está chanfrada de todo!

O subinspetor abanou a cabeça. — Achas que sim? Bem, depois aquilo começou a aquecer. Claro que a seguir também se referiu a casos que envolviam crianças desaparecidas e outros em que organizações políticas tinham sido alvo de uma espécie de ataques terroristas. Casos particularmente bestiais.

— Está bem, está bem, ela anda mas é à caça de votos, é isso o que anda a fazer.

— Pois é, claro que sim, caso contrário teria tratado desse assunto fora do Parlamento. Mas também todos os outros andam à caça de votos, porque neste momento todos os partidos andam em negociações no Ministério da Justiça por causa disso. Não tarda, os documentos estarão nas mãos da Comissão das Finanças. Tenho a certeza de que dentro de duas semanas teremos uma decisão.

— E em que vai consistir isso, exatamente?

— Será criado um novo departamento dentro da polícia criminal. Foi ela mesma que sugeriu que se chamasse «Q» por ser essa a designação com que o Partido da Dinamarca aparece nos boletins de voto. Fiquei na dúvida se aquilo era uma brincadeira, mas não há dúvida de que tudo isto acabará por ter esse desfecho — concluiu, dando uma gargalhada sarcástica.

— E qual é o objetivo? Continua a ser o mesmo?

— Sim. O seu único propósito é tratar simplesmente daquilo a que eles chamam «casos merecedores de um escrutínio especial».

— «Tratamento de casos merecedores de um escrutínio especial.» — Marcus anuiu. — Essa é mesmo uma expressão típica da Piv Vestergård. Bem sonante. E quem é suposto decidir quais são os casos que justificam semelhante epíteto? Ela também falou nisso?

O subinspetor encolheu os ombros.

— Está certo, ou seja, ela pede-nos para fazermos aquilo que já estamos a fazer. E daí? O que tem isso a ver connosco?

— O departamento será criado sob a égide da Comissão Nacional da Polícia, mas, em termos administrativos, temos todos os motivos para crer que ficará sob a alçada da Divisão dos Homicídios aqui da Polícia de Copenhaga.

Com isto, Marcus ficou de boca aberta. — Só podes estar a brincar! O que queres dizer com isso «em termos administrativos»?

— Nós elaboramos os orçamentos e fazemos toda a contabilidade. Disponibilizamos e distribuímos o pessoal pelos respetivos gabinetes e arranjam os espaço necessário para a sua instalação.

— Não estou a perceber. Estás a querer dizer que agora a Polícia de Copenhaga também vai ter de resolver casos antigos que estão sob a jurisdição das unidades distritais da polícia perdidas nos confins do mundo? As unidades regionais desses distritos nunca pactuarão com isso. Pedirão logo para terem representantes seus aqui no departamento.

— Não forçosamente. Isso vai ser apresentado às unidades distritais como uma maneira de lhes aliviar algum do trabalho que têm neste momento, não como ainda mais trabalho.

— Dás-te conta do que acabaste de dizer, não dás? Que agora o nosso departamento também vai ter de providenciar uma brigada móvel para casos sem solução. Com o meu pessoal a dar-lhes cobertura. Nem pensar nisso, que diabo, não! Não podes estar a falar a sério.

— Marcus, vê se me ouves com atenção. É uma mera questão de duas horas aqui e ali apenas para alguns membros do pessoal. Não é nada.

— Não me parece que não seja nada.

— Pronto, então deixa-me continuar e dizer-te como vejo toda esta questão. Estás a ouvir-me?

O chefe da Divisão dos Homicídios esfregou a testa. Tinha ele alguma alternativa?

— Marcus, há dinheiro envolvido nisto. — Ele fez uma pausa por um instante enquanto cravava os olhos no seu superior. — Não é muito, mas o suficiente para pagar o salário a um homem e, ao mesmo tempo, injetar uns dois milhões de coroas no nosso departamento. É mais uma adaptação sem intenção nenhuma de substituir seja o que for.

— Dois milhões? — assentiu Marcus Jacobsen, bastante agradado. — Ah, bom! Assim é que é falar!

— Brilhante, não é? Podemos instalar o departamento em menos de nada, Marcus. Eles estão à espera da nossa oposição, da nossa resistência teimosa, mas não será isso o que faremos. Vamos dar-lhes uma

resposta conveniente e apresentar-lhes a proposta de um orçamento que excluía a determinação de qualquer tarefa específica. Pomos Carl Mørck à frente do novo departamento, mas não haverá grande coisa para ele chefiar, porque estará lá sozinho. E assim ficará a uma distância segura de toda a gente, isso te garanto.

— Carl Mørck como diretor do Departamento Q! — O chefe da Divisão dos Homicídios estava já a imaginar o quadro todo. Um departamento como aquele podia ser facilmente gerido com um orçamento inferior a um milhão de coroas por ano, incluindo despesas de deslocação, análises laboratoriais e tudo o resto. Se a polícia solicitasse cinco milhões por ano para o novo departamento, sobraria o suficiente para arranjam mais duas equipas de investigação para a Divisão dos Homicídios. Desse modo, podiam concentrar-se sobretudo nos casos mais antigos. Talvez não nos casos do Departamento Q, mas nalguma outra coisa desse género. As fronteiras indefinidas eram a chave de todo aquele esquema. Brillhante, sem dúvida. Simplesmente brilhante.

## CAPÍTULO 4

2007

Hardy Henningsen era o polícia mais alto que alguma vez trabalhara na sede da polícia. Segundo o seu registo militar, media dois metros e sete centímetros. Sempre que faziam uma detenção, era Hardy que falava, de maneira que os detidos tinham de inclinar as cabeças bem para trás enquanto ele lhes lia os seus direitos. Essa circunstância causava uma impressão marcante na maior parte das pessoas.

Naquele momento, a sua altura não era nenhuma vantagem para Hardy. Tanto quanto Carl conseguia ver, as suas pernas compridas e paralisadas nunca estavam completamente estendidas, e Carl já havia sugerido à enfermeira que retirassem a trave dos pés da cama, mas, pelos vistos, isso estava fora do seu reino de competências.

Hardy nunca dizia nada fosse sobre o que fosse. A sua televisão estava sintonizada para a série desportiva norte-americana *24/7* e, embora as pessoas não parassem de entrar e sair do seu quarto, ele não reagia a nada. Limitava-se a permanecer ali deitado na Clínica para Doentes com Lesões na Espinal Medula de Hornbæk, tentando sobreviver. Tentava mastigar a comida, mexer um pouco o ombro, porque aquela era a única parte abaixo do pescoço sobre a qual ainda tinha algum controlo, mas, de resto, deixava que as enfermeiras se debatessem com o seu corpo pesado e difícil de manejar. Ficava simplesmente a olhar para o teto enquanto elas lhe lavavam as virilhas, lhe espetavam agulhas e esvaziavam os sacos que recolhiam os produtos de excreção do seu corpo. Não, Hardy já não tinha muita coisa para dizer.

— Vou voltar para a sede, Hardy — disse-lhe Carl, esticando-lhe a roupa da cama. — Eles estão a trabalhar em pleno no caso. Ainda não descobriram nada, mas sei que vão acabar por saber quem nos alvejou.

As pálpebras pesadas de Hardy nem pestanejaram. Nem se deu ao incômodo de olhar de relance para Carl, nem para as notícias que estavam a passar na televisão no Canal 2 e que enchiam tempo de antena com uma informação exagerada acerca da expulsão dos miúdos que tinham ocupado de forma ilegal a Casa da Juventude. Ele parecia indiferente a tudo. Já nem uma réstia de irritação havia nele. Carl compreendia-o melhor do que ninguém. Embora não o demonstrasse a Hardy, também ele se estava completamente nas tintas para tudo o resto. Era totalmente irrelevante saber quem os tinha alvejado. De que serviria descobri-lo? Se não tivesse sido uma pessoa, teria sido outra qualquer. Havia muitos cretinos daquele género por aí.

Carl fez um aceno breve para a enfermeira, que entrava com um novo frasco de soro fisiológico na mão. Da última vez que ali estivera, ela tinha-lhe pedido para sair um pouco enquanto tratava do Hardy. Ela não obtivera a resposta de que estava à espera e era evidente que não se esquecera disso.

— Então, está cá outra vez? — perguntou-lhe, carrancuda, lançando um olhar de relance ao relógio de pulso.

— Esta é a hora que me dá mais jeito, antes de ir trabalhar. Isso causa algum transtorno aqui?

Ela voltou a consultar o seu relógio. Sim, então e se ele chegasse ao trabalho mais tarde do que a maior parte das pessoas?

A enfermeira esticou o braço de Hardy e inspeccionou o tubo do soro que estava ligado às costas da sua mão. Nesse momento, a porta que dava para o corredor abriu-se e entrou a primeira fisioterapeuta do dia. Tinha muito trabalho pela frente.

Carl deu palmadinhas por cima do lençol onde se via o contorno do braço direito de Hardy. — Estas harpias querem-te todo para elas, por isso vou-me embora agora, Hardy. Amanhã venho cá um pouco mais cedo para podermos conversar um bocado. Ânimo, rapaz!

O cheiro dos medicamentos seguiu-o pelo corredor, onde parou para se encostar à parede. Tinha a camisa colada às costas, e as manchas de suor debaixo dos braços deixavam sulcos pela camisa abaixo. Depois do incidente do tiroteio, o caso não era para menos.

Como era costume acontecer, Hardy, Carl e Anker tinham chegado ao local do crime nos subúrbios de Amager primeiro que os outros,



levando já vestidos os macacões descartáveis. Haviam colocado as máscaras, calçado as luvas e posto as redes na cabeça, como o exigiam os procedimentos habituais. Passara apenas meia hora desde que o idoso fora encontrado com um prego cravado na cabeça. Não tinham demorado tempo nenhum a irem da sede da polícia até ali.

Nesse dia haviam tido imenso tempo antes de o cadáver ser levantado. Tanto quanto sabiam, o chefe da Divisão dos Homicídios encontrava-se numa espécie de reunião de reorganização com a comissária da polícia, mas não havia dúvida nenhuma de que chegaria assim que pudesse, acompanhado pelo médico-legista. Nenhum problema nem contratempo no escritório mantinha Marcus Jacobsen longe da cena de um crime.

— Fora de casa não há muito para os elementos da perícia técnica fazerem o seu trabalho — dissera Anker, golpeando com o pé o chão mole e lamacento depois da chuva da noite anterior.

Carl olhara em volta. À parte as marcas deixadas pelos tamancos de madeira do vizinho, não havia muitas pegadas em volta do barracão, um dos que os militares haviam liquidado a baixo preço nos anos 60. Nesse tempo, era possível que todos os barracões tivessem um excelente aspeto, mas agora, em todo o caso, para aquele edifício em particular, esse tempo já ia bem longe. O travejamento tinha caído, o papel betumado do telhado estava crivado de buracos, não havia uma única prancha da fachada que estivesse inteira e a humidade deixara estragos bem visíveis. Até a placa identificativa, onde fora gravado o nome de «Georg Madsen» a marcador preto, estava meio carcomida. Depois, lá estava novamente o cheiro fétido do morto a sair pelas frinchas e pelas ranhuras. Tudo aquilo era um esterco autêntico.

— Vou ali falar com o vizinho — dissera Anker, virando-se para o homem que estivera à espera durante meia hora. Não ficava a mais de quatro metros e meio do alpendre da sua casinha. Depois de os barracões terem sido deitados abaixo, de certeza que a vista com que ficara melhorara de forma significativa.

Hardy tinha alguma facilidade em suportar o cheiro pestilento dos cadáveres. Talvez por ser mais alto e se elevar bem acima deles ou talvez por o seu olfato ser decididamente menos apurado do que o da maior parte das pessoas. Daquela vez, o cheiro era particularmente fétido.

— Que raio de cheiro pestilento! — resmungara Carl, enquanto, parados no corredor, calçavam os cobre-sapatos de plástico azul.

— Vou abrir uma janela — dissera Hardy, entrando na divisão que ficava ao lado da entrada claustrofóbica.

Carl aproximara-se da porta que dava acesso à pequena sala de estar. Não havia muita luz a entrar pela persiana que estava corrida para baixo, embora houvesse o suficiente para ver a figura sentada no canto com a pele verde-acinzentada e fendas profundas nas bolhas que cobriam a maior parte do seu rosto. Um fluido avermelhado escorria-lhe do nariz e os botões da camisa ameaçavam saltar devido à pressão exercida pelo tronco inchado. Os seus olhos pareciam de cera.

— O prego foi-lhe disparado para a cabeça por uma pistola de pregos pneumática *Paslode* — comentara Hardy atrás dele. — Está posta em cima da mesa aqui no quarto ao lado. Também lá está uma chave de parafusos elétrica, ainda carregada. Não posso esquecer-me de que temos de descobrir quanto tempo de autonomia ela tem até precisar de ser recarregada.

Tinham estado ali parados pouco tempo a observar toda a cena do crime, antes de Anker vir juntar-se a eles.

— O vizinho vive cá desde o dia 16 de janeiro — dissera-lhes. — Ou seja, isso é apenas há dez dias, e não viu o falecido sair de casa uma única vez. — Apontara para o cadáver e olhara em volta para toda a sala. — O vizinho estava sentado cá fora no alpendre a desfrutar do calor do aquecimento global, tendo sido nessa altura que se apercebeu do cheiro. Está mesmo abalado, o pobre coitado. Talvez devêssemos dizer ao médico-legista para lá ir vê-lo depois de ter examinado o corpo.

Mais tarde, Carl só conseguiria fornecer uma descrição muito sumária do que acontecera a seguir, e as chefias iam ter de se haver só com isso. Como a maior parte das pessoas dizia, ele também não tinha tido muita consciência do que se passara. Mas isso não era verdade. De facto, lembrava-se de tudo o que tinha acontecido, até bem demais. Só que não lhe apetecia entrar em pormenores.

Ouvira alguém entrar pela porta da cozinha, mas não reagira. Talvez tivesse sido por causa do cheiro pestilento, talvez ele tivesse julgado tratar-se dos elementos da perícia legal que estavam a chegar ao local do crime.

Poucos segundos depois, pelo canto do olho, apercebera-se de uma figura com uma camisa vermelha de xadrez vestida, que entrava de rompante na sala. Carl pensara que devia puxar da arma, mas não o fizera. Os reflexos haviam-no traído. Por outro lado, dera-se conta das ondas de choque quando o primeiro disparo acertara em Hardy pelas costas, fazendo-o cair e puxar Carl para o chão, prendendo-o debaixo de si. A enorme pressão exercida pelo corpo de Hardy trespassado pela bala distendera a coluna de Carl com toda a força para um dos lados e ficara a comprimir-lhe o joelho.

Haviam-se seguido então os disparos que atingiram Anker no peito e Carl na têmpora. Lembrava-se com uma enorme clareza da maneira como ficara ali deitado com um Hardy terrivelmente arquejante em cima dele e como o sangue do colega ia saindo do macacão para se misturar com o seu, pingando depois para o chão debaixo deles. E, quando as pernas dos perpetradores haviam passado por ele, não parara de pensar que o melhor era puxar da sua arma.

Atrás dele, Anker estava caído no chão a tentar torcer o corpo para se virar, enquanto os atacantes falavam um com o outro no pequeno quarto que ficava a seguir à entrada. Haviam passado apenas alguns segundos quando voltaram a entrar na sala de estar. Carl ouvira Anker a dar-lhes a ordem para pararem. Mais tarde, ficaria a saber que Anker puxara da sua arma.

A resposta à ordem de Anker fora outro disparo, que fizera estremecer o chão e atingira Anker em cheio no coração.

Bastara aquele tempo. Os atiradores haviam fugido pela porta da cozinha e Carl nem se mexera. Permanecera ali completamente imóvel. Nem depois de os socorristas da emergência médica chegarem ele dera mostras de qualquer sinal de vida. Mais tarde, tanto os socorristas da emergência médica como o chefe da Divisão dos Homicídios diriam que haviam começado por julgar que Carl tinha morrido.

Carl ficara ali deitado muito tempo, como se estivesse desmaiado, com a cabeça cheia de pensamentos terríveis. Eles haviam-lhe tomado o pulso e depois tinham-no levado dali juntamente com os dois colegas. Só no hospital é que abriam os olhos. Haviam-lhe dito que os olhava com um olhar vazio.

Tinham pensado que era pelo choque, mas era pela vergonha.